

## O FILHO QUE PERMANECEU EM CASA

Muito se tem pregado sobre a Parábola do filho pródigo, que nos mostra o amor do Pai e sua espera paciente pelo homem arrependido. Mas ao meditar nesse texto bíblico, de conteúdo tão profundo porque revela todo o maravilhoso projeto de Deus para a salvação do pecador contrito, detive-me, também, nas ações que se referem à pessoa do filho mais velho, o que permaneceu em casa.

O enfoque do ensino é sobre o filho que um dia, tomando a sua parte da herança, deixou a casa do pai e foi para uma terra distante. Dissipou todos os seus bens com coisas fúteis e efêmeras e findou numa situação de pobreza, solidão e desamparo. Ninguém lhe dava nada. O filho mais velho só é citado ao final.

Depois disso, a mente do pai se foca no filho que se fora. Como o homem, que tendo cem ovelhas, perdendo uma delas, deixa todas as noventa e nove e vai após a perdida, até que venha a achá-la. É como se o pai, todos os dias, olhasse ao longe, na esperança da volta do filho. Para onde ele se foi? Estará bem a essa hora? Estará em segurança? Estará alimentado? É a angústia diária do pai. E quem é pai conhece de perto todas essas preocupações. Eu mesmo, nas minhas horas de insônia, levanto-me no meio da noite, e o que me trás conforto naquela hora é olhar as portas fechadas dos quartos de meus filhos, que ficam bem de frente ao meu, e constatar que já estão ali dormindo, refazendo-se do dia longo, em segurança, no aconchego do lar. Quando uma dessas portas está, ainda, aberta naquelas horas da noite, batem no peito as indagações. Por que será que não chegou? Onde estará? Estará bem?

Um dia, o filho que se fora, caindo em si após tantas adversidades, se lembra da casa do pai. Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão e eu aqui pereço de fome, fala a si mesmo. Levantar-me-ei e irei ter com meu pai, e lhe direi: pai, pequei contra o céu e perante ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um de seus trabalhadores. E se levantando, vai para seu pai.

O pai, quando o filho ainda estava longe, porquanto sempre o esperou, viu-o, e se movendo de íntima compaixão, correu ao seu encontro, e enlaçando-o num forte abraço, o beija, escutando a confissão de arrependimento que agora brota do mais recôndito da alma.

Pleno de perdão e júbilo, o pai chama os seus servos e determina: trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe, também, no dedo, um anel, e sandálias nos pés, e trazei o bezerro cevado, e matai-o, e comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; estava perdido e foi achado. E começou naquela casa uma grande festa. A alegria do pai era incontida.

O maravilhoso plano de Deus é assim. Ele veio para os que não estão sãos. Aos que necessitam de médico. De serem curados. Independente do que pensemos ou temos como sendo senso de justiça, o Pai acolhe o coração contrito. Não importando o que tenha feito ou vivido. A um coração contrito não desprezará o Senhor.

O Pai é como o homem que, encontrando a ovelha, põe-na sobre seus ombros, cheio de alegria; e chegando em casa, convoca os seus amigos e vizinhos, dizendo-lhes: alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha que se havia perdido.

Não se importando com os que estão em casa, abraça o filho arrependido, acolhendo-o em seu descanso, na sua paz. Beija-o, introduzindo-o na sua comunhão. Põe no seu dedo um anel, o seu selo, o seu Espírito, renova com ele o pacto, um contrato que jamais será revogado, uma aliança de amor, de salvação. Veste-lhe com vestes novas, de vida, vida em abundância, retirando do pecador arrependido os seus trapos de imundície.

A verdade é que haverá alegria assim no céu por um pecador que se arrepende. Mais do que por noventa e nove que se consideram justos e pensam que não necessitam de arrependimento.

O ensino de Jesus depois se volta para o filho mais velho, o que permaneceu em casa. Ele estava no campo, diz a parábola. Não estava aonde deveria estar, ao lado do pai. Participando daquilo que o pai estava realizando. Há pessoas assim. Mesmo permanecendo na casa do pai estão alheias aquilo que Deus está realizando. Estão, na verdade, no campo de sua religião, de seus próprios interesses, dogmas, regras, leis e circulares, e tão longe do pai, da comunhão d'Ele. Conhecem a Bíblia, mas não vivem a Palavra na sua vida diária. Cansam-se e fadigam-se tanto fazendo a 'obra' e nem percebem a festa que o Pai promove em sua casa.

Interiormente estão longe do Senhor e dos seus propósitos, tal qual Marta, que recebeu o Senhor Jesus em sua casa. Diferentemente de Maria, sua irmã, que se quedou aos pés do Senhor, porque, sedenta, desejava beber das palavras que fluíam da boca do Mestre, Marta andava distraída, alheia em muitos serviços, em outros interesses, sem perceber que o Deus vivo estava ali visitando sua casa; que era o seu propósito também penetrar no mais profundo do seu ser. Senhor, indignou-se Marta, não te incomoda que minha irmã me deixe aqui trabalhando sozinha? Manda-lhe, pois, que também trabalhe me ajudando a servir. Marta, Marta, disse-lhe o Senhor. Estás ansiosa, afadigada com muitas coisas. Uma só é necessária. E sua irmã a escolheu. A melhor parte. Que nunca lhe será tirada. A salvação e as bênçãos dela decorrentes. O tesouro no céu, que o ladrão não pode roubar, nem a traça destruir.

O filho arrependido confessou ao pai que já não era digno de ser chamado seu filho e pediu que fosse feito semelhante a um de seus trabalhadores. Contudo o pai não o recebeu assim. Antes o recebeu como filho, pondo-lhe o anel no dedo. O filho mais velho, o que permaneceu em casa, porém, se fazia como um dos trabalhadores do pai. Estava no campo. Um perceptível contraste da graça.

Quando retornou do campo e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. O sinal da alegria na casa do pai. Poderia, como filho que era, adentrar incontinenti à casa e desfrutar, também, de tão grandiosa celebração. Mas não. Chamando um de seus servos, indagou o que era aquilo. Até o trabalhador do pai sabia do motivo da festa, menos o filho que permaneceu em casa.

Alicerçado nas razões da sua religião e nas obras que por ela realizava, indignou-se e contestou a atitude do pai, negando-se a entrar na festa, mesmo com o chamado insistente dele. Sirvo-te a tanto tempo. Cumpro a risca toda a tua lei. Nunca me deste um cabrito para que eu me alegrasse com os meus amigos, lamuriava-se. Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas também, responde-lhe o pai.

O filho mais velho, apesar de permanecer na casa do pai, o conhecia muito pouco. O convívio com o pai era periférico. Nunca desfrutou das coisas do pai. De tudo que era dele, também. É como aquele que hoje se contenta com uma vida superficial, sem santificação. Como quem se dedica simplesmente a uma religião, a um ritual diário. A fazer uma 'obra'. A sua justificação para com Deus não é o sacrifício eterno do Senhor Jesus, a graça, mas estar todos os dias numa congregação. Cumprindo um rito e o que lhe impõe a instituição. Nunca matou o cordeiro. Não morreu para o pecado. E continua escravo dele. Não experimenta o perdão, estando outra vez em temor. Acha que não precisa dele. Pensa que é são. Não necessita de médico. Nunca celebrou com seus amigos. Nunca participou da comunhão maravilhosa com o Espírito de Deus e com o corpo. Nunca celebrou a morte do Senhor e nem espera a sua vinda. Não creu na palavra que ouviu. Escolheu viver sem fé. Não se deixou guiar pelo Espírito de Deus. Não nasceu de novo e não perdoou ninguém. O seu coração permaneceu da mesma forma como chegou. A graça não penetrou no mais profundo do seu ser.

E tudo isso estava ali ao seu alcance. Todas as minhas coisas são suas, disse o Pai.

Como o filho que permaneceu em casa, nunca vai entender a maravilhosa operação de Deus em prol do homem arrependido, que é a verdadeira obra, a obra de Deus. E até mesmo indigna-se, como o filho que permaneceu em casa, com Deus por essa operação. Nunca poderá alcançar a maravilhosa graça de Deus operada por meio de Jesus Cristo. A palavra da fé, a saber, se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Sempre pensará que tem que cumprir uma 'obra' para alcançar algum favor de Deus. Mas não é por obras, para que ninguém se glorie. E passa despercebido da verdadeira obra que Deus está fazendo.

“O estado de perdição do ‘santo’ ressentido é tão difícil de alcançar exatamente porque está intimamente ligado ao desejo de ser bom e virtuoso.”

O Senhor Jesus ensinou esta parábola na ocasião em que fariseus e escribas, doutores da lei, murmuravam contra ele por receber pecadores e comer com eles. Eles, da mesma forma, conheciam bem as coisas de Deus, mas estavam longe d'Ele. Não perceberam que estava entre eles o Deus vivo, o Emanuel; que o Reino de Deus estava entre eles, matando o autor da fé. Que as profecias eram cumpridas. Era para eles que o Senhor Jesus falava, mas não O queriam ouvir.

Permanecendo assim, correm o risco de ouvir do Senhor, num futuro próximo, “não vos conheço”.